

# AS ENCRUZILHADAS DE UM MAR DE MIL CAMINHOS: A LOUCURA, A LINGUAGEM E OS SUJEITOS NO HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO DE FLORIANÓPOLIS<sup>1</sup>

Ariele Helena Holz Nunes<sup>2</sup>

Vanessa Goes Denardi<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar a concretude das relações na e pela linguagem constituídas no interior do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis. Para tanto, parte-se da concepção de sujeito debatida nos estudos da linguagem por Foucault (1995, 2000b, 2001, 2008, 2014), Deleuze (2004) e Augsburger (2017), trazendo ao bojo das discussões a noção de sujeito louco e instintivo. A investigação centra o olhar em como a interação entre o eu, o outro e o mundo se dá dentro do HCTP, e em que medida a linguagem estimula e incentiva os pacientes-internos a construir essas relações. A partir da etnografia, buscamos compreender a rotina do HCTP pelo viés da ressocialização de sujeitos historicamente excluídos e segregados no meio social, o que nos permitiu identificar, na e pela linguagem, discursos que criam laços e que anseiam a liberdade.

**Palavras-chave:** Etnografia; Concepção de sujeito; Interação; Práticas de Linguagem; Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis.

## THE CROSSROADS OF A SEA WITH ITS THOUSAND ROADS: THE MADNESS, LANGUAGE AND SUBJECTS AT THE CUSTODY AND PSYCHIATRIC TREATMENT HOSPITAL OF FLORIANOPOLIS

**Abstract:** This article analyzes the concreteness of the relations in language established inside the Hospital of Custody and Psychiatric Treatment (HCPT) of Florianópolis. We start from the concept of subject discussed in language studies by Foucault (1995, 2000b, 2001, 2008, 2014), Deleuze (2004) and Augsburger (2017), bringing to main point of discussion the needs of the mad and instinctive subject. The investigation focuses on how an interaction between the self, the other and the world takes place within the HCPT, and to what extent language stimulates and encourages inpatients to build relations. From an ethnographic, we seek to understand the HCPT routine through the re-socialization of subjects historically excluded and segregated in the social environment, which allowed us to identify, in and through language, discourses that create relationships and that yearn for freedom.

**Keywords:** Ethnography; Subject conception; Interaction; Language Practices; Hospital of Custody and Psychiatric Treatment of Florianópolis.

1 Este artigo é fruto das discussões propostas na disciplina de Políticas Linguísticas do Multilinguismo, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSC) no semestre 2019/2 e ministrada pelos professores Dr. Daniel N. Silva e Dra. Maria Inês Probst Lucena, aos quais dedicamos nossos agradecimentos.

2 Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: holz.arielle@gmail.com. A autora agradece à CAPES pelo apoio financeiro, processo número 88887.639125/2021-00.

3 Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: goes\_vanessa@hotmail.com.

## Introdução

Até a ilha mais distante  
tem espaço pra companhia...  
Eu escolho: posso ser uma ilha  
cercada de gente por todos os lados  
ou não  
posso ser uma dessas gente  
e aparecer na sua ilha de repente.

(Rosangela Calza)

As significações que regem a loucura, as doenças mentais e a psiquiatria têm sido motivo bastante recente para estudos acadêmicos, principalmente no que tange à área da linguagem. Assim, entender o paciente-interno como sujeito que possui voz e saberes em um âmbito de reclusão traduz-se em um campo de pesquisa que exige dos investigadores uma observação/interpretação rigorosa e, sobretudo, ética.

Os antigos manicômios judiciários no Brasil<sup>4</sup>, hoje denominados Hospitais de Custódia, abrigam sujeitos chamados “inimputáveis”, ou seja, pessoas diagnosticadas com algum tipo de transtorno mental que possuem determinado conflito judicial e que, por isso, são mantidos em hospitais-prisão. É nesse contexto que se encontra o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCTP), um espaço plural para o conhecimento das múltiplas interações entre os sujeitos que partilham de historicidade e cotidiano comuns, apesar dos diversos contextos que os permeiam e dos obstáculos psicológicos individuais.

Neste estudo, baseadas nos escritos de Deleuze (2004), compreendemos o HCTP como uma ilha, não como originária ou continental, mas sim como uma ilha imaginada, produzida,

4 A Lei 10.216/2001, conhecida como antimanicomial, dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

a qual é constituída pela desertificação, mesmo sendo habitada, e que tem o intuito de separar os sujeitos do mundo, os quais, considerados loucos, navegaram em uma *stultifera navis* por mares de mil caminhos como prisioneiros em uma infinita encruzilhada (FOUCAULT, 1972) até chegarem ao destino insular. Assim sendo, partimos da ideia de que a ilha pode ser ocupada por homens, mas ainda permanece transfuge, mantendo os sujeitos suficientemente e absolutamente separados dos demais (DELEUZE, 2004).

É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca. Esta navegação do louco é simultaneamente a divisão rigorosa e a Passagem absoluta. Num certo sentido, ela não faz mais que desenvolver [...] a situação simbólica e realizada ao mesmo tempo pelo privilégio que se dá ao louco de ser fechado às portas da cidade: sua exclusão deve encerrá-lo; se ele não pode e não deve ter outra prisão que o próprio limiar, seguram-no no lugar de passagem. Ele é colocado no interior do exterior, e inversamente (FOUCAULT, 1972, p. 16).

Esses sujeitos, apesar de estarem marginalizados, unem-se diante das circunstâncias e criam o próprio movimento das coisas, ocupando a ilha de forma dinâmica, tornando-se criadores, exploradores, prontos para começar um novo mundo. Eles são donos de si, e carregam em sua essência heterogeneidades que ecoam no todo coletivo, representado por um aglomerado de “eus” que dividem o mesmo espaço: a ilha. Assim, o objetivo principal deste artigo é analisar a concretude das relações na e pela linguagem constituídas no interior do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis.

A partir disso, a pesquisa debruça-se sobre objetivos específicos com os quais pretende-se: 1) ampliar as discussões etnográficas referentes ao campo da linguagem por meio da inserção, observação e atuação no HCTP de Florianópolis; 2) compreender a concepção de sujeito inserida no cerne do HCTP de Florianópolis; 3) reconhecer

como os vínculos estabelecidos entre os pacientes-internos modificam o olhar que esses indivíduos têm de si; 4) refletir sobre as formas que a linguagem assume na performance linguística utilizada pelos pacientes-internos do HCTP. Nessa perspectiva, este trabalho tenta responder os seguintes questionamentos: 1) qual é a concepção de sujeito no Hospital de Custódia da Penitenciária de Florianópolis? e 2) como se dá a interação cotidiana entre os sujeitos que residem nessa instituição?.

A par dessas informações, acreditamos que é possível obter ainda mais inquietudes e, ao mesmo tempo, produzir um impacto e refletir criticamente sobre comportamentos e elementos que se apresentam nesse espaço que é, sem dúvida, plural e, ainda assim, singular. Foucault (2008) nos alerta para a necessidade de nos inquietarmos diante de agrupamentos que não são considerados familiares e de nos perguntarmos se é possível admitir outros formatos, que, inevitavelmente, são parte de individualidades históricas.

Ao considerar essa provocação, a justificativa desse estudo se sustenta em uma dupla necessidade: a compreensão das condições de vida de um grupo social ocultado - o dos pacientes-internos do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico da Penitenciária de Florianópolis -; e a de contribuição para este grupo social a partir da devida reflexão na pesquisa sobre linguagem e formação humana no âmbito universitário.

Além disso, é mister destacar a importância desta investigação por seu ineditismo e relevância, visto que o número de trabalhos existentes acerca da temática<sup>5</sup> é pouco expressivo, sobretudo, que contemplem as vertentes elencadas para este estudo. Os loucos são, antes de tudo, os sujeitos de uma linguística não somente aplicada, como ressignificada, que se ocupa de práticas de

linguagens atreladas a práticas sociais, fazendo do louco um sujeito empírico, que tem muito a dizer, que tem muito a mostrar, que tem muito a transformar.

Por fim, cabe salientar que as narrativas e discursos utilizados neste artigo, bem como as imagens dispostas, são regidas pelo consentimento da direção do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis mediante assinatura de um termo de consentimento firmado entre o HCTP e as pesquisadoras; e que as identidades dos participantes foram protegidas a fim de evitar exposição desnecessária, os quais são denominados no texto por PACIENTE-INTERNO + PSEUDÔNIMO.

## Um olhar teórico e metodológico

As pesquisas que partem de um movimento etnográfico podem ser consideradas como um processo em que o mais importante é a observação direta das atividades dentro de um grupo de determinada comunidade, o que nos tem permitido, portanto, problematizar realidades sociais que surgem a partir da complexidade semiótica e cultural do campo da linguística aplicada (LUCENA, 2015). Nesse sentido, cabe ao pesquisador conviver com os indivíduos que circulam nesse meio, de modo que possa entender melhor a dinâmica em que o espaço funciona e, para além do que foi mencionado, identificar as suas particularidades. É importante ressaltar que esse tipo de pesquisa não parte de questões fixas, mas configura-se por meio da flexibilidade, especialmente porque, durante o seu andamento, muitos pontos podem necessitar de reorganização, de reformulação e de uma análise por outra perspectiva, a qual se difere do pensamento original.

A etnografia contribui com a democratização, uma vez que busca revelar os significados das ações do ponto de vista dos participantes, considerando a relação entre linguagem,

5 BONASSA (2003); OLIVEIRA (2006); PREVE (2010); MOSER (2018); AUGSBURGER (2017).

contextos específicos e questões sociais e políticas. A adesão da práxis etnográfica no entendimento de problemas da linguagem acrescenta um olhar culturalmente sensível, exigindo tanto de nós, pesquisadores, como dos participantes, reflexões críticas sobre a própria vida. O contexto, formado por realidades políticas, culturais e sociais, vai sendo desbravado e (re)conhecido por meio de movimentos colaborativos, divididos e negociados no tempo e espaço da pesquisa. Sempre em revisão, consideramos o projeto inicial como um plano flexível, uma vez que a perspectiva interpretativista permite o redirecionamento de decisões tomadas durante a investigação (LUCENA, 2015, p. 79).

Tendo em conta essas questões, o andamento desse estudo parte de observações da rotina do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis, sobretudo, das atividades lúdicas e artísticas oferecidas aos paciente-internos. Esse processo perdurou uma semana (14 a 18 de outubro de 2019) e as pesquisadoras frequentaram o local nos períodos matutino e vespertino. Em cada um dos dias, elas ficaram na companhia de um profissional responsável pelas atividades e de agentes de segurança. Dentre as propostas institucionais acompanhadas, listam-se: assembleia, aula de teatro, aula de informática e tear. Ao findarem as observações, as pesquisadoras ofereceram uma oficina aos pacientes-internos com a temática “*Quem sou eu?*”, tendo por objetivo compreender qual a concepção de sujeito, de interação e de linguagem que se tem dentro desse espaço, atividade essa que será discutida na seção 2.2.

Ressalta-se que o HCTP oferece, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina e por meio do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), aulas de diversas disciplinas curriculares e oficina de capoeira. Além disso, as instituições religiosas também têm espaço significativo na agenda semanal da instituição, a qual conta com a participação efetiva da Pastoral Carcerária. Na tentativa de ilustrar um espaço que transcende a estadia burocrática, ações de segurança e *portas-portões-grades*<sup>6</sup>, a imagem a seguir ambienta um dos locais em que ocorrem oficinas e demais atividades curriculares:

**Figura 1** - Sala de aula do HCTP



**Fonte:** As autoras, 2019.

Ambientes como esses refletem uma perspectiva diferenciada daquela que se imagina antes de adentrar às imediações do HCTP. A proposta de ressocialização pode ser observada na prática quando se pensa na importância e na representatividade que espaços como uma sala de aula, sem vestígios de cárcere, carregam. Isso significa dizer que a própria ideia de ressocialização está impressa na iniciativa da direção e da equipe de funcionários do HCTP de transformarem os espaços para os pacientes-internos participarem de atividades lúdicas, curriculares e extracurriculares. Os pátios, os refeitórios e a quadra de esportes também representam a tentativa de construção de espaços mais artísticos e menos institucionalizados,

<sup>6</sup> Escolha tipológica de Augsburger (2017) para descrever os espaços de clausura que constituem o HCTP.

que almejam lembrar o mundo fora dos muros, para os pacientes-internos circularem e se sentirem em uma vida quase comum.

Declarados os caminhos metodológicos trilhados, parte-se a uma breve revisão da literatura sobre sujeito, interação e performance linguística. Os estudos desenvolvidos por Michel Foucault (1995, 2001, 2014) compõem o escopo teórico desta pesquisa no que tange à concepção de sujeito, principalmente, com relação àqueles que, de alguma forma, são marginalizados ou excluídos socialmente, e a forma como eles se constituem ativamente através de “práticas de si”, que nada mais são do que esquemas que eles encontram em sua cultura e que lhes são propostos, sugeridos ou impostos.

Seguindo esse viés, Deleuze (2004) também ajuda a compreender o sujeito como um ser instintivo dentro de uma determinada instituição que o satisfaz e se satisfaz, visto que aquele é dependente desta em suas urgências psicológicas e, até mesmo, de proteção e segurança:

Cada sujeito exprime o mundo de um certo ponto de vista. Mas o ponto de vista é a própria diferença, a diferença interna e absoluta. Cada sujeito exprime, pois, um mundo absolutamente diferente e, sem dúvida, o mundo expresso não existe fora do sujeito que o exprime (o que chamamos de mundo exterior é apenas a projeção ilusória, o limite uniformizante de todos esses mundos expressos). Mas o mundo expresso não se confunde com o sujeito: dele se distingue exatamente como a essência se distingue da existência e inclusive de sua própria existência. Ele não existe fora do sujeito que o exprime, mas é expresso como a essência, não do próprio sujeito, mas do Ser, ou da região do Ser que se revela ao sujeito (DELEUZE, 2004, p. 40-41).

A relação biunívoca entre mundo e sujeito pode ser pensada a partir de uma premissa: os mundos em que os limites territoriais são fixos e os sujeitos são flutuantes. Preve (2010) atribui ao sujeito louco o status de nômade quando revisita Deleuze e Guattari (1997, p.189): “[...] eles não

se movem. São nômades por mais que não se movam, não migrem, são nômades por manterem um espaço liso que se recusam a abandonar, e que só abandonaram para conquistar e morrer”. A concepção de nômade para os sujeitos loucos do HCTP advém, sobretudo, do fato desses indivíduos estarem imersos em um lugar do qual não saem e, ao mesmo tempo, embarcarem em diferentes aventuras enquanto seres viajantes, que transitam entre um mundo de desejos: os lugares que querem visitar, os bens que querem adquirir e a liberdade que querem experimentar mais uma vez.

Saindo de uma perspectiva imaginada e assumindo uma visão realista, Augsburg (2017) detalha formalmente a natureza do sujeito louco, o sujeito habitante do HCTP de Florianópolis. Para o autor, os pacientes-internos são pessoas que cometeram crimes e apresentam transtorno mental. Logo, essas características os tornam inimputáveis: sujeitos incapazes de atribuir juízo de valor e examinar com razão o caráter ilícito do crime que cometeram. Tendo em conta esses fatores, é importante destacar esses seres inimputáveis não receberem punição pelos seus atos criminosos, mas são submetidos ao cumprimento de uma “[...] medida de segurança – uma medida especial para aqueles tratados, socialmente e clinicamente, como doentes mentais perigosos ou loucos criminosos” (AUGSBURGER, 2017, p. 59).

Foucault (2001) versa ainda sobre a atuação das instituições médicas e judiciais sobre o sujeito louco, o que acaba determinando a amplitude de suas ações no espectro social. No que se refere ao louco, as instituições médicas exprimem primazia sobre as instituições judiciárias, ainda que atuem em um processo de higiene pública no corpo social, isolando o louco do mundo e criando um mundo para o louco:

[...] louco é sempre alguém que se acha um rei, isto é, que deseja impor seu poder contra todo e qualquer poder estabelecido e acima de todo

e qualquer poder, seja esse da instituição ou da verdade. Portanto, no próprio interior do manicômio, a psiquiatria funciona como sendo a detecção, ou antes, a operação pela qual se vincula a qualquer diagnóstico de loucura a percepção de um perigo possível. No entanto, mesmo fora do manicômio, parece-me que temos um processo mais ou menos do mesmo gênero, isto é, fora do manicômio a psiquiatria sempre procurou - em todo caso no século XIX de maneira mais particularmente intensa e crispada, já que: no fundo, era da sua própria constituição que se tratava - detectar o perigo que a loucura traz consigo, mesmo quando é uma loucura suave, mesma quando é inofensiva, mesma quando o mal é perceptível (FOUCAULT, 2001, p. 150).

Assim, a concepção de sujeito assumida neste estudo está ligada ao entendimento de que todo indivíduo carrega práticas de linguagem singulares, assim como estabelece relações, laços, vínculos com infinitos sujeitos nos lugares por onde circulam e atuam. Esses sujeitos, a quem nos referimos teoricamente, são os mesmos sujeitos empíricos que acompanhamos, que carregam os vestígios de uma história marcada, mas também fazem história, participam de histórias alheias. Eles se moldam a partir das pressões e restrições sociais de que fala Foucault (2000b, 2001) e refazem, reorganizam o mundo interior que possuem em si em contraste com o mundo exterior em que se situam, como aponta Deleuze (2004). A sua estadia no meio social o transforma, e simultaneamente este sujeito, que por outrora não é somente um, mas vários, deixa marcas nos lugares em que atua e nas pessoas com quem partilha experiências.

Como salientado, os sujeitos estabelecem relações dentro do espaço em que circulam, e no HCTP a interação não se dá de forma diferente: os pacientes-internos criam vínculos seja com os voluntários com os quais convivem diariamente, seja com os pesquisadores que por ora emergem nesse campo de pesquisa, ou ainda seja entre eles mesmos, os próprios sujeitos. Augsburg (2017), em seus movimentos cartográficos, disserta acerca da amizade que transcende e permeia os espaços entre as *portas-portões-grades* do HCTP.

Em uma das páginas de seu diário de bordo, o autor escreve que a amizade nada é, senão, como um remédio para a vida. Firmando relação entre amizade, saúde e bioquímica, Augsburg (2017) alega que a ocitocina, hormônio responsável por desenvolver apego e empatia entre as pessoas, faz com que os pacientes-internos do HCTP construam laços com estranhos, vulgos outros pacientes-internos, quase como em uma relação familiar. Essa relação amical, como coloca, é benéfica para a saúde dos pacientes internos à medida que especialistas indicam que a amizade pode: “[...] auxiliar no tratamento de distúrbios da psique dada a capacidade influência da amizade” (AUGSBURGER, 2017, p. 157).

A amizade é um bem que faz bem, e durante uma de suas andanças pelos espaços do HCTP, o cartógrafo identificou que os próprios pacientes-internos reconhecem que a sua interação não é apenas mecânica e institucionalizada, mas anunciada e criada por eles mesmos, a ponto de se tornarem amigos, como elucida neste breve relato:

Joshua e Ricardo, demonstram grande afinidade e vão revelando-me dimensões da vida no Hospital, mormente daquilo que os dois vivenciam ali. Contam das brincadeiras que fazem e fazem chacota um do outro, sempre com um ar muito amical. [...] Contam-me dos planos que têm para quando saírem dali. [...] A ajuda, entretanto, não é só fora do HCTP, várias vezes eles reiteram que se ajudam ali dentro, ajudam-se dando força a continuar e aguardar até a libertação, ajudam-se com dinheiro e troca de comidas e utensílios, ajudam-se nos contatos para o tabaco e na partilha do fumo; enfim, uma série de ajudas materiais e psíquicas. Ao fim, da conversa selam a impressão de que tenho de sua amizade pedindo que tire uma foto deles, não uma foto de cada um, mas uma foto dos dois, lado a lado, posando para a câmera. O gesto ainda se refina quando me pedem para que, se possível, revele para eles a fotografia. A imagem é marcante. Aqui, onde as aproximações parecem ser suspeitas, os dois posam lado a lado para que a relação quede gravada (AUGSBURGER, 2017, p. 122-123).

Ainda nesse cenário, Augsburg (2017) pontua que a possibilidade de desenvolvimento de laços de amizades no interior do HCTP é

confrontada. Embora o HCTP seja visto como inapropriado e até mesmo, impossível para a criação de amizade entre seus pacientes-internos, considerando a natureza dos distúrbios de cada um, é um local em que muito se aflora a partir das relações pessoais construídas. Na visão do autor, a amizade se torna inviável no HCTP em função desse sentimento estar ligado, até certo ponto, com questões de interesse e eletividade. Não há relações de poder e enganação entre os pacientes-internos, estes são sujeitos que seguem por um mesmo caminho, que estão navegando em um mesmo barco, talvez daí se desenhe a pureza nas interações amicais.

No HCTP, a amizade emerge como um ato de sensibilidade e de construção de caminhos para enfrentar o cotidiano: os transtornos mentais não impedem em nada que estes sujeitos sintam afeto, protejam e ajudem uns aos outros. Nesse sentido, pode-se dizer que uma justificativa para o HCTP, um espaço murado e vigiado, ser “uma terra de clausura povoada de experiências de amizade”<sup>7</sup> é o simples fato da união, da comunhão ser entendida como uma alternativa para tornar os dias menos longos e duradouros, e mais próximos da liberdade “[...] uma opção é ‘aceitar o inferno’, outra é ‘saber quem ou o que, no meio do inferno, não é inferno’, o que não é uma tarefa das mais fáceis” (AUGSBURGER, 2017, p. 162).

Para além do que foi comentado, após pensar no sujeito de que falamos, do outro com quem ele interage, faz-se necessário tratar de uma última questão: o objeto de mediação simbólica das relações, a linguagem. O uso que se faz na linguagem nas situações de interação com o outro e nos demais protocolos cotidianos é chamado de *performance linguística*, a qual se traduz ideologias linguísticas (MOITA LOPES, 2013). Essa performance só se realiza mediante a atuação do sujeito em práticas de linguagem, até mesmo quando o sujeito silencia, ele

está performando, porque o seu não dizer também significa.

A língua, enquanto recurso comunicativo, está atrelada à história social de um grupo, de modo que este faz uso de elementos linguísticos a fim de demonstrar uma diversidade de discursos/significados nas práticas sociais em que operam. As línguas são usadas pelos indivíduos, são produtos da atividade humana, um recurso pelo qual os sujeitos anunciam a sua visão de mundo.

[...] as pessoas indexicalizam, em suas performances linguísticas, sua compreensão do que está acontecendo nas práticas assim como seu entendimento dos participantes já que, como aponta Bauman (1986, p.03), “a performance... da mesma forma que toda atividade humana é situada, sua forma, significado e funções estão enraizadas em cenas e eventos definidos culturalmente ou, como indicam Coupland, Garrett e Willians (2005, p.69), “as performances são pelas audiências e não somente para as audiências” (MOITA LOPES, 2013, p. 112).

Sabendo que a língua é regulada tanto por contextos sociais como por sistemas subjacentes, as restrições de discurso são explicativas, visto o poder que a palavra tem. Segundo Moita Lopes (2013), as práticas de linguagem que constituem uma performance linguística são locais, e refletem sociedades, assim como as culturas em que os sujeitos estão engajados. Além de exprimir o social, a performance linguística simboliza um aglomerado de práticas identitárias, que podem, ou não, caracterizar os sujeitos apenas pelas suas escolhas linguísticas ao performar.

## As práticas de linguagem em narrativas marginalizadas

As relações de interação dentro do HCTP são de extrema importância e a nós interessou perceber neste estudo como se dá a existência dialógica acumulada em discursos, levando em consideração o ambiente, os sujeitos e a dimensão

sócio-histórica, numa espécie de empreendimento dos enunciados “na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento” (FOUCAULT, 2000a [1968], p. 93).

Assim, por meio de análises de narrativas, buscamos investigar o que os pacientes-internos do HCTP fazem com a linguagem ao participar de uma atividade social, regulada tanto pelo contexto social como pelas ideologias implícitas; e, sobretudo, problematizar os discursos em relação ao contexto em que eles são produzidos e para quem eles são produzidos (LUCENA, 2015).

Foram observadas três atividades institucionais - aula de teatro, aula de informática e tear - as quais fazem parte do quadro permanente de horários e são empreendidas por voluntários (acadêmicos da Universidade do Estado de Santa Catarina e Universidade Federal de Santa Catarina, bem como integrantes da Pastoral Carcerária) que, em alguma medida, interessam-se pelo bem-estar desse grupo específico, que apostam na ressocialização e que, por isso, lutam

para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. [...] E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo. Este ensinamento e este aprendizado têm de partir, porém, dos “condenados da terra”, dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo e dos que com eles realmente se solidarizem (FREIRE, 2013, p. 20).

Tanto na aula de informática, quanto na de tear, os alunos permaneceram concentrados e em silêncio, pedindo, nesta última, para que as voluntárias colocassem uma música ambiente para fazer companhia. Já na aula de teatro, a professora realizou algumas brincadeiras, como “passa anel”, e informou às pesquisadoras sobre a dificuldade em fazer encenações com o grupo devido à condição psicológica e mental dos participantes.

**Figura 2** - Aula de informática



**Fonte:** As autoras, 2019.

Já na Assembleia e na Oficina “*Quem sou eu?*”, pode-se perceber uma efetiva participação dos pacientes-internos, talvez pela forma como as atividades foram conduzidas, primando pela abordagem interativa e, ao mesmo tempo, delimitada, bem como considerando as superdiversidades de naturezas diversas, como as identitárias e linguísticas (MOITA LOPES, 2013).

## “O que dizem essas palavras?”

A atividade denominada Assembleia consiste em uma conversa com os pacientes-internos a fim de ouvi-los sobre pontos positivos e negativos do HCTP, além de considerar o que pode ser melhorado no que se refere à enfermaria, alas, refeitórios, etc. Da reunião observada pelas pesquisadoras e que fora conduzida pelo chefe de segurança, participaram profissionais e estagiários (14, ao total) das áreas de psicologia, enfermagem e assistência social.

Por meio dessa prática de linguagem, foi possível perceber desigualdades e resistências, tensões e modos de vida (LUCENA, 2015), que, neste espaço, muitas vezes, são negligenciados: “Estamos comendo muito ligeiro porque ficam apressando a gente” (PACIENTE-INTERNO LUCAS); “Estamos com dificuldades na informática, estamos só com dois computadores” (PACIENTE-INTERNO PEDRO); “A semana tem sido comprida para nós” (PACIENTE-INTERNO JOÃO). Vê-se, portanto, que apesar da própria loucura interna (FOUCAULT, 1995), os sujeitos utilizam amplamente as ideias da racionalidade que o convívio em grupo exige.

Destarte, o momento de maior participação e no qual foi realmente possível ouvir esses sujeitos foi a reflexão do seguinte poema lido por uma assistente social:

A vida...  
uma travessia,  
um espaço,  
um tempo...  
um dia, outro dia,  
um momento.

A vida...  
dúvida, incerteza,  
confusão, desorientação,  
total escuridão.  
Uma grande proeza.

A vida...  
contentamento,

vencer,  
perder...  
ou empatar.  
O mínimo,  
o máximo...  
o não,  
o sim.

O começo,  
Xeque-mate!  
O fim...

(Rosangela Calza)

Primeiramente, faz-se importante destacar que o texto escolhido é de autoria de uma poetisa florianopolitana, que busca sempre fazer reflexões sobre a vida, o amor e o autoconhecimento. Após realizada a leitura, lançou-se mão da pergunta “*o que dizem essas palavras?*” e, em seguida, os participantes começaram a respondê-la: “*Um dia de liberdade já é o bastante*” (PACIENTE-INTERNO JOÃO); “*O fim. Parece que estamos no fim. Começamos a viver agora e já chegou no fim*” (PACIENTE-INTERNO SILAS).

Em uma atitude responsiva ao último enunciado, uma das assistentes sociais fomenta a discussão: “*será que não é o meio?*”. Em todas essas falas, é perceptível a intenção dos sujeitos, mesmo tratando-se de uma análise poética - um anseio pela liberdade, algo constantemente citado pelos pacientes-internos; a falta de perspectiva na vida; e o incentivo para a caminhada -, um querer expressar (in)conscientemente numa emergência (in)voluntária de “descobrir a palavra muda” (FOUCAULT, 2008, p. 31).

ASSISTENTE SOCIAL: - Quantas vezes aqui vocês já ouviram a palavra “não”? Por que é importante?

PACIENTE-INTERNO PEDRO: - Para ter limite.

PACIENTE-INTERNO TADEU: - As grades já dizem o não.

Ao abordar os últimos versos da terceira estrofe do poema, a assistente social tenta produzir uma conotação positiva à palavra

“não”, principalmente por destacá-la como algo importante, necessário, o que é imediatamente aceito e endossado pelo paciente-interno Pedro, quiçá pelo medo, por sua condição mental, de não sentir-se capaz de ouvir o “sim”; e refutado pelo paciente-interno Tadeu, que, diante da situação de privação, vê desabrochar em si o desejo de libertar-se e “percebe que este anseio somente se faz concretude na concretude de outros anseios” (FREIRE, 2013, p. 22), nesse caso, do desejo de ouvir tão somente “sim” dentro no HCTP.

Esse tipo de poesia, entre o contemporâneo, o passado e o futuro, pra mim, não foi muito feliz. Ouvir um não aqui dentro é uma raiz amarga. À medida que a pessoa se carrega de não, ela fica com raiva, ou com vontade de tirar a própria vida. É um poema pra quem está lá fora. Estamos pagando por um ato de rebeldia. Sabemos o que nos restringe e o que nos traz benefícios (PACIENTE-INTERNO BRENO).

Ademais da inconformidade do “não” e das consequências que ele pode trazer em determinados momentos da vida, também há a consciência dos atos cometidos e os efeitos de penalidade que eles acarretam. Apesar de inimizáveis, os sujeitos que habitam o HCTP devem cumprir um tempo mínimo de internamento e tratamento até que se considere findada a periculosidade. Por isso, a importância do esforço em criar “uma consciência em se recompor e em tentar readquirir o domínio de si próprio, até as profundezas de suas condições” (FOUCAULT, 2008, p. 15), já que a liberdade não chega por acaso, mas pela prática de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2013).

Por outro lado, há quem veja o lado bom do “não”, seja pela forma de controle, e nesse ambiente, como uma espécie de tecnologia política do corpo, uma microfísica do poder (FOUCAULT, 2014); seja pela assertividade e importância de dizer não em benefício próprio; ou ainda, seja pelo aprendizado e valorização. “Começo e fim, tudo é

*passageiro. Aqui é um momento de aprender, de lidar com o sim e o não. O que me contraria, é difícil de entender. Em toda a minha vida preciso exercitar. O sim só tem sabor doce porque experimentamos o gosto do não”* (PACIENTE-INTERNO AMARO).

PACIENTE-INTERNO TADEU: - Às vezes o não é bom. Quer ver?

PACIENTE-INTERNO TADEU: Você quer ficar aqui?

PACIENTE-INTERNO FREDERICO: Não.

TODOS: (risos)

A anedota realizada durante a Assembleia, além de render boas risadas dos participantes, retoma a importância de analisar o discurso a partir dos elementos constitutivos das palavras, já que mais uma vez percebemos corpos conscientes que vivem em uma relação dialética entre os condicionamentos da desrazão e da infração cometida e o anseio pela experiência de ser livre novamente. Contudo, uma coisa é certa, a imaginação do paciente-interno Tadeu, assim como a dos demais, parece não ter perdido a sua liberdade, já que ela, por sua condição psicológica, está presa ao fora, mostrando um momento de lucidez e humor a partir da análise do poema, afinal, é como diz o ditado: “o louco se afoga no mar em que o poeta nada”.

A poesia fala da vida e nada mais complexo do que a vida. A complexidade de viver em sociedade, eu não posso atrapalhar a vida do próximo. O texto não é completo, assim como a vida. Cada palavra do texto tem um significado e uma finalidade. Hoje, aqui dentro, eu tô reaprendendo a viver. Porque hoje estou lidando com sentimentos privado de liberdade. Estou numa posição que eu não sou o rei da cocada. Através da disciplina da casa, posso ser uma nova pessoa, conter o lobo mau que existe dentro de mim (PACIENTE-INTERNO GERALDO).

Nessa outra narrativa, percebemos a análise da vida que possui função social intrincada, moldada por uma “arquitetura fechada, complexa e hierarquizada” (FOUCAULT, 2014, p. 135) e,

sobretudo, excludente. O fato de o paciente-interno apontar que não pode atrapalhar a vida do próximo mostra a sua percepção sobre a pessoa com transtornos mentais e a sua liberdade finita na sociedade. O que está em jogo nessa fala é o conjunto de provocações deliberadas e personificadas através dos quais o sistema funciona, garante a sua ordem e fabrica seus excluídos e seus condenados (DELEUZE, 2004). Para esse sujeito, estar no HCTP é uma forma de conter o seu “eu”, de disciplinarizar-se, de tornar-se um corpo dócil, reprimido. Privado de liberdade, vê-se acomodado, adaptado, porém, inconcluso, em um movimento permanente de busca do ser mais (FREIRE, 2013).

### “Cometemos um crime, mas não somos criminosos”

Não me pergunte quem sou e não me peça para permanecer o mesmo.  
(Michel Foucault)

A oficina intitulada “*Quem sou eu?*” foi pensada com o intuito de reconhecer, entre as *portas-portões-grades* e os estereótipos de *bandidos-criminosos-marginais*, os verdadeiros sujeitos, humanos, que habitam o HCTP de Florianópolis. Tendo ciência de que eles são sujeitos plurais, com identidades distintas, e ao mesmo tempo, um mesmo sujeito - o louco -, conduzimos essa atividade através do discurso de que não estávamos interessadas, enquanto pesquisadoras, nos delitos e crimes que eles cometeram, ou tampouco, em laudos que qualificam os seus transtornos mentais. O que buscávamos era a sua essência, queríamos conhecer, para além de todas as problemáticas que envolvem as suas histórias sociais, os sujeitos que eles veem dentro de si, os sujeitos que carregam sonhos, desejos e esperanças de mais um dia de liberdade.

Foram muitas as formas que esses indivíduos encontraram para expressar quem são, com o auxílio de materiais fornecidos, alguns optaram por escrever, outros, em uma espécie de entrevista particular, preferiram ditar a sua fala para que fosse documentada por nós, pesquisadoras; todavia, foi através do desenho, que a maioria canalizou o seu interior. Em uma folha em branco, assim como uma página da vida, cores, traços e poucas palavras foram o suficiente para que os sujeitos loucos conseguissem transmitir a sua a sua verdade.

**Figura 3** - Desenho produzido pelo PACIENTE-INTERNO FELIPE durante a oficina



Fonte: As autoras, 2019.

A restrição do discurso de que falava Foucault (2000b) e a estrutura da dominação denunciada por Freire (2013) estão presentes nessa imagem, fazendo com que poucas palavras sejam necessárias para transmitir a sua força: a arte já basta. Os sujeitos loucos, dentre tantas coisas que almejam, querem ter o direito de dizer, querem olhos e ouvidos atentos ao seu discurso, querem ser vistos além das máscaras, querem mostrar o arrependimento verdadeiro, querem esclarecer que já não são mais os mesmos. Eles rompem com a linha entre louco e *bandido-criminoso-marginal* ao serem ressignificados no lugar em que estão inseridos, ao se refazerem enquanto humanos cotidianamente, e sabem o quanto é crucial buscarem ser um novo sujeito, um outro eu que não tem medo de recomeçar após os constantes devaneios e os conflitos diários.

Naquilo que é chamado, grosso modo, loucura, há duas coisas: há um furo, um rasgo, como uma luz repentina, um muro que é atravessado; e há, em seguida, uma dimensão muito diferente, que poderíamos chamar de desabamento. Um furo e um desabamento. Lembro-me de uma carta de Van Gogh. “Devemos – escrevia ele – minar o muro.” Salvo que romper o muro é difícil e se o fazemos de forma muito bruta nos machucamos, caímos desabamos. Van Gogh acrescenta ainda que “devemos atravessá-lo com uma lima, lentamente e com paciência”. Temos então o furo e depois esse desabamento possível (DELEUZE, 2004, p. 333 - 334).

Furar o muro da loucura. Esse, talvez, seja o desejo dos pacientes-internos, seja pela arte – como no desenho elencado –, seja pela simples interação com o outro, pois, muitas vezes, é por meio da prática de linguagem que o sujeito pode ver-se e se fazer ver, vislumbrar um futuro “no fora” em momentos de razão e sanidade.

Estou me tratando aqui no HCTP onde já me encontro há dois anos e dois meses. Hoje trabalho na cozinha dos agentes e sou muito bem tratado aqui, e espero me recuperar pra que eu possa tocar a minha vida adiante quando sair. Meu sonho hoje é trabalhar na área de tecnologia e espero conseguir fazer e concluir o curso de Análise de Sistemas, uma graduação (PACIENTE-INTERNO JOAQUIM).

É preciso lembrar que esses sujeitos nem sempre estão fora de si e, por isso, a par de suas atitudes, constroem uma história plena de pensamento e suscita a consciência que é o sujeito originário de todo devir e de toda prática (FOUCAULT, 2008). “*As atitudes aqui fazem com que a gente reflita sobre o eu interior*” (PACIENTE-INTERNO TADEU), ou seja, esse momento de reclusão pode se tornar um abrigo mais seguro para a consciência e um caminho para o autoconhecimento.

Em suas teorizações, Foucault (2000b) enxerga uma ordem do discurso na figura do louco, que é posto como o sujeito marginalizado nas sociedades de controle. Isso significa dizer que a relação antagônica entre razão e loucura é trabalhada pelo autor através da figura do louco. A segregação da loucura é colocada como um dos procedimentos de exclusão no interior dos discursos, já que o discurso do louco não possui validade, sendo separado e rejeitado em detrimento dos discursos lúcidos, tais como: discursos médicos, políticos, científicos, educacionais. O discurso do louco ganha importância, como aponta o autor, quando anuncia algum tipo de presságio, uma visão futurista, fazendo com que os demais indivíduos se coloquem em posição de inquietude e, de certa forma, de alerta.

A produção do discurso é controlada, selecionada e redistribuída dentro de uma lógica que busca ocultar as reais significações e as relações de sentido das palavras. Esse processo de *camuflagem* dos discursos ocorre por meio de procedimentos de exclusão, realizados na sociedade por indivíduos ou um grupo de indivíduos que delimitam quem diz e quem deixa de dizer. Ainda que sejam escutados, os loucos carregam algemas em suas palavras, quase como um eterno desejo de dizer, o qual não se concretiza nem mesmo quando as palavras são proferidas: ser ouvido nem sempre é ser escutado.

Freire (2013) evidencia que não somente o discurso, mas a condição existencial do sujeito louco é a de oprimido. Quando elencamos a obra de um dos pacientes-internos como sendo representativa dos sentimentos dos demais, estamos assumindo que todos compartilham do mesmo pensamento de cárcere, em que são julgados e qualificados pelas suas histórias sociais manchadas e, por vezes, não lhe é concedido o direito de provar a mudança que se instaurou no seu interior de sujeito homem e não mais sujeito *bandido-criminoso-marginal*. Augsburger (2017) traz em suas entrelinhas teóricas que até mesmo à posteriori ao tratamento pelo qual são submetidos os pacientes-internos e o alcance da tão sonhada liberdade, não se acredita na íntegra em sua transformação, na sua melhora: “No fundo há um desejo de que ele vá e não precise mais voltar, um desejo de que ele contrarie as estatísticas e as histórias que vagam por esta terra de clausura e dizem o contrário: quem vai, volta, provavelmente volta” (AUGSBURGER, 2017, p.130).

Seguindo nessa linha, o autor declara que o primeiro passo para a transformação e a libertação do ser oprimido é a tomada de consciência acerca dos seus atos. Ao fazê-lo, o sujeito louco terá ciência de que precisa organizar uma luta por sua liberdade, a começar pela mudança de atos e hábitos, pela busca de uma nova realidade para ser vivenciada.

Nós cometemos um crime, mas não somos criminosos. Usamos substâncias que não deixaram nossas faculdades mentais perfeitas. Mas quando voltamos ao normal, sentimos muito o que a gente fez. Aí veio a vergonha, a mágoa, a dor, o arrependimento. Nós não aprovamos o que nós fizemos (PACIENTE-INTERNO JOAQUIM).

Por estar em posição de marginalizado socialmente, o louco passa a identificar que, muitas vezes, se faz imprescindível atuar em conformidade com o regime opressor, internalizar as regras, normas e as condutas institucionalizadas

que lhe foram impostas. A conquista da liberdade se dá por um conjunto de inúmeras ações a serem desenvolvidas, agir não no mero sentido de ativismo, de rebeldia, mas com práticas reflexivas e conscientes, que levem à ascensão do sujeito louco ao sujeito social outra vez.

Os esforços coletivos e individuais pautados em atos reflexivos levam à prática libertária efetiva. Os sujeitos, que antes adentraram ao HCTP se enxergando como seres anormais, com condutas por ora animalescas, insistindo, muitas vezes, na inexistência de diferenças entre eles e um animal ou, quando percebem, reconhecem ser uma vantagem do animal por ser mais livre que eles (FREIRE, 2013), hoje compreendem que a liberdade está projetada e deve ser alcançada como resultado de suas próprias práticas. “*Eu me vejo como filho de Deus aqui dentro. Sendo liberto, sendo curado, transformado e aprendendo com a vida. Temos que tirar as coisas boas do que vivemos aqui dentro*” (PACIENTE-INTERNO TADEU).

Se em dado momento chegaram a pensar que eram reféns de um sistema carcerário, sem expectativa de terem uma vida normal novamente, no presente assimilaram que o maior ato de resistência contra um sistema que comete injustiças, os julga, os oprime e os qualifica como escória, é se deixar ser ressocializado, transformado, quase como nascer mais uma vez, como um novo sujeito.

Se esta crença nos falha, abandonamos a ideia ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação e caímos nos slogans, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo. Esta é uma ameaça contida nas inautênticas adesões à causa da libertação dos homens. A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência (FREIRE, 2013, p.34).

O sujeito louco, personificado como *bandido-criminoso-marginal*, assim como o biológico, não

se faz sujeito social sem partilhar as vivências no mundo com a multiplicidade de outros que o rodeiam. Em Freire (2013, p. 33) já está posto: “[...] ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Em função disso, talvez, tenhamos observado uma coletividade expressiva, uma irmandade existente entre os pacientes-internos do HCTP. Seja na assembleia quando reivindicaram por melhorias em seus leitos e outras estruturas, seja na oficina de teatro quando decidem conjuntamente qual brincadeira querem realizar no dia, seja no tear ao se ajudarem na troca de fios do aparelho, os sujeitos loucos do HCTP agem em benefício próprio e para o bem de seus irmãos, como muitas vezes expressaram. *“Aqui nós somos amigos de verdade. Fiz bons amigos aqui dentro. Temos projetos pra fazer lá fora”* (PACIENTE-INTERNO JOAQUIM). Assim é que a amizade frutífera nas terras de clausura faz sentido: não são apenas um bando de loucos, mas uma família de loucos que compartilha de um mesmo objetivo, a liberdade.

## Palavras finais

A proposta inicial deste estudo, quiçá a principal, era desconstruir a noção de fazer pesquisa. Em conformidade com nossos objetivos, assumimos os movimentos etnográficos como uma iniciativa de gerar dados, rompendo com os procedimentos tradicionais de coleta. Os dados gerados durante as andanças pelos corredores e demais espaços do HCTP de Florianópolis são os discursos. Discursos ora anunciados pelos pacientes-internos, ora registrados em suas práticas sociais e linguísticas. Em termos gerais, esses discursos expressam um único desejo, compartilhado por todos os sujeitos loucos: um dia de liberdade.

Sem dúvida, essa sede por liberdade ecoa entre as *portas-portões-grades* imaginárias da ilha

que há tempos deixou de ser só uma instituição carcerária. Ao adentrarem no HCTP, os sujeitos loucos tomaram - em mãos, pés, corpo e alma - seus barcos loucos e se lançaram em uma aventura: a conquista da liberdade. Hoje, o sujeito louco, que é múltiplo e ao mesmo tempo singular “é o passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem (FOUCAULT, 1972, p. 17)” que permanece à deriva, buscando a terra prometida que se encontra depois da ilha.

Quanto ao nosso primeiro questionamento norteador, expresso pela questão: 1) qual é a concepção de sujeito no Hospital de Custódia da Penitenciária de Florianópolis?, reconhecemos que o HCTP compreende os pacientes-internos como sujeitos sociais em processo de ressocialização. Assim, faz-se necessário enfatizar que a ilha só ficará para trás quando o sujeito louco se transformar em sujeito social, e os caminhos são dois: i) a mediação simbólica pela linguagem e ii) a ressocialização; ambos intrinsecamente ligados. As atividades oferecidas aos sujeitos são muitas e cabe aos pacientes-internos mergulharem nelas, seja por mera distração, para ocupar o tempo e os dias ficarem mais curtos, seja por entenderem a importância que elas adquirem em todo o processo de ressignificação que eles têm pela frente. A informática, o tear, o teatro, o esporte, a assembleia, todos esses momentos são mediados por um único elemento: o diálogo.

Seguindo nessa linha, a nossa segunda questão norteadora, expressa pelo questionamento: 2) como se dá a interação cotidiana entre os sujeitos que residem nessa instituição?, tem como resposta a linguagem integrada às atividades de ressocialização e aos laços construídos no interior do HCTP. As trocas na e pela linguagem possibilitam a construção de laços e relações amicais, tanto entre os voluntários, pesquisadores e os pacientes-internos, como entre os próprios inimizáveis. É pela linguagem que eles externalizam os seus

desejos, vontades, esperanças. É pela linguagem que eles agradecem as oportunidades que lhes são oferecidas. É pela linguagem que eles demonstram os seus descontentamentos e as lutas diárias. É pela linguagem que eles declaram a saudade da família e dos amigos. É pela linguagem que eles se permitem construir uma nova família dentro do HCTP. É pela linguagem que os sujeitos loucos se ajudam, protegem-se e estendem a mão uns aos outros. É pela linguagem que encontram companheiros para se juntarem a eles em sua aventura louca e, a partir daí, também de loucos.

É pela linguagem que esses sujeitos-loucos – que se encontram ilhados e entregues a um mar de mil caminhos – externalizam esperanças que, de asas abertas, a liberdade chegue quando findado o seu tempo de reclusão, e que possam ser acolhidos, aceitos e/ou integrados à sociedade, posto que acreditam em uma segunda chance, em um recomeço, em uma transformação capaz de excluir o estereótipo de *bandido-criminoso-marginal*. Cientes de sua loucura e com o tratamento adequado, agora sabem que nem todo mal precisa ser manifesto e executado, e que a busca pelo equilíbrio de si pode ser a salvação e o início de uma nova história, que há de ser escrita por eles mesmos.

## REFERÊNCIAS

- AUGSBURGER, Luiz Guilherme. Que pode a amizade? Movimentos cartográficos e educação em terras de clausura. 2017. 209 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/FAED), 2017.
- BONASSA, Giselli D. A. Desospitalização e os impasses da reintegração social: um estudo no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis/SC. 2003. 86 p. TCC (Graduação em Serviço Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CSE), 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2004.
- FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In.: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert L. Michel Foucault: uma Trajetória Filosófica. Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-250.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências: resposta ao Círculo de Epistemologia. In.: MOTTA, M. (org.). Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e histórias dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense. 2000a [1968], p. 82-118.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000b.
- FOUCAULT, Michel. Os Anormais. São Paulo: Martins Fontes, 1.d. Biblioteca da Pesquisa, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 67.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.
- LUCENA, Maria Inêz. P. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. DELTA [online]. 2015, volume 31, p. 67-95.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- MOSER, Liliane. Família e Transtorno Mental: dilemas no acompanhamento e no cuidado.

2018. 59 p. TCC (Graduação em Serviço Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CSE), 2018.

OLIVEIRA, Eleusa K. Hospital de custódia e tratamento psiquiátrico frente à reforma psiquiátrica: desafios e possibilidades. 2006. 94 p. TCC (Graduação em Serviço Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CSE), 2006.

PREVE, Ana Maria H. Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação. 2010. 268 p. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2010.

**Submissão: julho de 2021.**

**Aceite: dezembro de 2021.**